

A estrada para a liberdade

institutoliberal.org.br/blog/politica/a-estrada-para-a-liberdade/

ThemeGrill

20/02/2025



Uma conversa com o homem que preparou an Argentina para a revolução de Javier Milei. O Prof. Agustín Etchebarne é Diretor-Geral do Libertad y Progreso, um think tank libertário com sede em Buenos Aires, Argentina.

Nunca houve um experimento como este antes. Pela primeira vez na história, um político libertário chegou à chefia de Estado – e imediatamente começou a reduzi-lo. Ele fechou metade dos ministérios, demitiu mais de 50 mil funcionários públicos e cortou benefícios para milhões de cidadãos. Em tempo recorde, Javier Milei está transformando a Argentina. Após um ano, os resultados são expressivos: a inflação caiu drasticamente e, pela primeira vez em 123 anos, o país não teve déficit orçamentário em 2024. Mas a população está pagando um preço alto. A classe média, muitas vezes dependente de subsídios estatais, está encolhendo, e 53% da população agora vive abaixo da linha da pobreza. Ainda assim, a maioria continua apoiando o presidente.

Do outro lado do Atlântico, muitos inicialmente foram pegos de surpresa com o novo rumo da Argentina. Afinal, o país já deu calote nove vezes em sua história e, em 2020, novamente não conseguiu honrar US\$ 65 bilhões em dívidas internacionais. A Argentina era considerada notoriamente instável do ponto de vista fiscal. Mas a agenda anarcocapitalista de Javier Milei não surgiu do nada. Há mais de 20 anos, pensadores e estudiosos libertários vinham preparando o terreno para essa revolução. Talvez seu representante mais

proeminente seja Agustín Etchebarne, diretor do *think tank* Libertad y Progreso (Liberdade e Progresso). Em uma videochamada, diretamente de seu escritório em Buenos Aires, ele explica por que considera o libertarianismo profundamente humano, os padrões que norteiam a ascensão e o declínio econômico de uma nação e o que exigiria nas próximas eleições federais alemãs.

Professor Etchebarne, depois de décadas em que o libertarianismo foi relegado às margens da política, ele recentemente protagonizou um impressionante retorno – especialmente com a eleição de Javier Milei na Argentina. Como um dos principais pensadores libertários da América do Sul, que tipo de liberdade o libertarianismo representa para você?

Para mim, liberdade é aceitar que cada pessoa é dona do seu próprio corpo, da sua mente e, conseqüentemente, dos frutos do seu trabalho. Isso é propriedade privada. Sempre que uma sociedade possui instituições que sustentam essa ideia — o direito à vida, à liberdade e à propriedade —, ocorre o florescimento humano. Se você não aceita isso, então precisa do Estado, por exemplo, para implementar uma versão de justiça social ou, se deseja redistribuir a riqueza, fazendo com que algumas pessoas subsidiem outras menos talentosas, será necessário o uso da força. É necessário algum tipo de violência. Ou seja, usa-se o Estado como meio para tirar de uns e dar a outros. Mas esse é um Estado de violência. Acredito que, quando se abandona a cooperação livre entre os seres humanos, a sociedade se torna menos bem-sucedida.

Falamos muito sobre lutas militares pela liberdade, como na Ucrânia; sobre liberdade de expressão versus *fake news*; e sobre liberdade de circulação quando se trata de migração. Mas os debates sobre liberdade econômica são raros. Por que você acha que isso ocorre?

Bem, eu acredito que a liberdade não pode ser dividida. Por exemplo, atualmente temos problemas com a taxa de câmbio na Argentina – embora esteja melhor do que no ano passado, alguns problemas ainda persistem. Mas, se você não tem acesso a moeda estrangeira, não pode sair do país. Assim, há uma conexão entre a liberdade econômica e a liberdade de viajar. E isso se aplica a tudo: se há tarifas exorbitantes, você não tem acesso a muitos bens ou, no caso dos mais pobres, não consegue sequer ter acesso a telefones e computadores – o que os impede de se comunicar com os outros. A liberdade econômica está inextricavelmente ligada a todas as outras liberdades. O pior é quando o Estado tem muito poder para intervir na economia, pois, nesse cenário, você não tem nenhuma liberdade. Porque, se o Estado pode tornar um empresário rico ou empobrecê-lo, o controle que ele exerce sobre sua mente é enorme.

Isso tem acontecido na Argentina?

Você vê isso todos os dias na Argentina, porque há muito corporativismo e capitalistas de compadrio. Há pessoas com 10 bilhões de dólares que não podem falar livremente, pois dependem do Estado. Além disso, se retirarem seu apoio ao partido no poder, independentemente do setor em que atuam, estão acabadas. Quando Cristina Kirchner era presidente, tenho certeza de que a maioria dessas pessoas a odiava, mas não podia dizer nada.

Eles estão se manifestando a favor do Presidente Milei agora?

Bem, nem todos estão a favor do Presidente Milei, pois os capitalistas de compadrio agora estão em perigo. Se você abrir as fronteiras para o comércio e reduzir as tarifas, muitas pessoas serão prejudicadas pela nova liberdade. Depois de oito décadas de protecionismo, ao abrir a economia, as empresas terão que mudar: elas terão que investir e algumas vão desaparecer. Em uma economia fechada, você tem as mesmas empresas cem anos depois, com as mesmas famílias. Em uma economia livre, o nepotismo fica ameaçado. Ao abrir os portões, algumas delas vão desaparecer, mas surgirão jovens que começarão empresas que nem sequer imaginamos. E é justamente por isso que libertários como Milei não acreditam em escolher um setor específico como o melhor da economia.

A Alemanha tornou-se mais estatal, especialmente no esforço de tornar nossa economia mais ecológica. Como um governo libertário lidaria com as questões das mudanças climáticas?

Durante a Guerra Fria, a superioridade econômica e política das democracias liberais em relação aos regimes comunistas era evidente, como demonstrado pelas diferenças entre a Alemanha Ocidental e Oriental ou entre a Coreia do Sul e a Coreia do Norte. Após a queda da União Soviética, a esquerda ocidental passou por uma transformação significativa. Em grande parte, abandonou o discurso econômico tradicional para se concentrar em questões culturais e sociais – um fenômeno que alguns chamam de “marxismo cultural”. Essa abordagem passou a incorporar temas como ecologia, mudanças climáticas e a defesa dos direitos das minorias, incluindo os da comunidade LGBTQ+ e os direitos das mulheres. Contudo, em vez de promover essas questões a partir de uma perspectiva liberal clássica, a esquerda adotou uma visão influenciada pela dialética marxista, enfatizando o conflito e a luta de classes ou de gênero. Sob essa nova orientação, a esquerda conseguiu reconquistar influência na Europa, adaptando-se ao contexto pós-Guerra Fria e focando nas dinâmicas sociais e culturais emergentes.

É um tanto irônico que os ensinamentos da Escola Austríaca de Economia, defendidos pelo presidente Milei e por você – que também aparecem de forma marcante na visão de Elon Musk para a América –, estejam ausentes do discurso político no mundo de língua alemã. Por que você acha que isso acontece?

Bem, eu acho que isso acontece em todas as culturas, talvez em todas as civilizações e quem sabe até em todas as famílias. Diz-se que a primeira geração é feita de durões, soldados: eles conquistam um território e o defendem. A segunda geração é igualmente forte; são os construtores, os engenheiros, que erguem os prédios, constroem as pontes, a fortaleza, as estradas. A terceira geração é mais sofisticada; são os arquitetos, aqueles que embelezam as cidades. A quarta geração, que representa o auge da civilização, traz os poetas e músicos, como Goethe e Beethoven. Já a quinta geração é o problema: ela acredita ter todos os direitos e nenhuma responsabilidade, nenhum dever, e são esses que acabam destruindo tudo. Assim, a Argentina era muito rica quando a Europa era muito pobre. Agora, a situação se inverte: a Europa é extremamente rica – vocês provavelmente estão na quinta geração. A Alemanha simplesmente esqueceu de onde vêm sua riqueza e poder.

Uma das principais publicações da Alemanha, “Die Zeit”, publicou recentemente um ensaio no qual Milei foi descrito como um extremista de direita que está conduzindo a Argentina rumo ao fascismo. O libertarianismo leva ao fascismo?

Essa caracterização equivocada surge de uma combinação de mal-entendidos ideológicos e de um enquadramento político deliberado: muitos críticos não conseguem diferenciar entre autoritarismo, fascismo e libertarianismo. O fascismo expande o controle do Estado sobre todos os aspectos da vida, enquanto o libertarianismo defende uma redução significativa desse controle. A única semelhança é a rejeição do *status quo*. Aqueles enraizados em ideologias esquerdistas ou estatistas frequentemente veem as políticas libertárias como uma ameaça direta à sua visão de governo, que é vista como uma ferramenta para a justiça redistributiva ou para a engenharia social. Rotular os libertários como “extremistas” ou “fascistas” torna-se, assim, uma estratégia retórica para deslegitimá-los. A essência do libertarianismo reside em desmontar os sistemas coercitivos de poder – sejam eles fascistas, socialistas ou do estatismo burocrático. Trata-se de um movimento rumo à descentralização, ao Estado de Direito e à soberania dos indivíduos. Tais acusações servem para confundir em vez de esclarecer o cenário ideológico.

O presidente Milei está mudando o rumo da Argentina de forma extremamente rápida. No país e no exterior, críticos afirmam que ele ignora os custos sociais. As reformas são sem coração?

Exato, muito rapidamente. Mas é muito difícil. As pessoas estão enfrentando dificuldades. No cotidiano, elas não estão em melhor situação do que há um ano. Levará alguns anos até que a economia comece a crescer. E, então, haverá certas pessoas que sofrerão por muitos anos, pois, como dissemos, algumas empresas vão desaparecer e terão que se reinventar. Em 10 anos, provavelmente você verá a Argentina florescendo novamente. E, assim como leva tempo para um país pobre se tornar rico, leva tempo para um país rico se tornar pobre,

como aconteceu com a Argentina e como a Alemanha está fazendo agora. E as pessoas não percebem isso de imediato, porque, enquanto o mundo continua crescendo, ainda há uma economia florescente em todo o mundo, impulsionada por outras.

O ciclo eleitoral de quatro a cinco anos das democracias modernas é um impedimento para boas decisões de longo prazo e para uma prosperidade contínua?

A esquerda sempre fala sobre democracia. Mas, na constituição argentina, o mais importante é a República. Nossa constituição estabelece a nação como um sistema representativo republicano federal, enfatizando a separação dos poderes e o Estado de Direito em vez da mera eleição de autoridades. Esse arcabouço, inspirado na filosofia de Montesquieu, busca prevenir a concentração de poder através de um sistema de freios e contrapesos entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, promovendo assim a estabilidade e a prosperidade a longo prazo. Entretanto, o sucesso desse sistema pode levar à complacência em gerações futuras, tornando-as suscetíveis a ideologias populistas que oferecem benefícios imediatos às custas de princípios fundamentais. Portanto, é essencial manter uma educação cívica robusta, incentivar a participação ativa dos cidadãos e preservar a integridade institucional para sustentar os valores que garantem uma prosperidade duradoura.

Independentemente do argumento econômico anarcocapitalista que Milei defende e implementa, o que também o diferencia é seu estilo excêntrico e colorido – por exemplo, segurando uma motosserra. Quão importante é o aspecto cultural para conquistar as pessoas?

Bem, essa é uma pergunta muito boa e é bastante difícil de responder. Acho que Milei é o resultado de, talvez, 20 anos de palestrantes anteriores na TV argentina, dos programas de entrevistas nos quais nossos membros participaram, de 20 economistas que adotam uma perspectiva da Escola Austríaca de Economia. Isso ainda é incomum nos Estados Unidos e na Europa. Já vi livros de economia na London School of Economics que omitem completamente a Escola Austríaca. Mesmo tendo Hayek, mesmo tendo Friedman, parece que eles se esqueceram.

Por que você acha que isso acontece?

As ideias de uma economia de livre mercado sem restrições e acerca dos perigos do Estado foram debatidas em Viena no início do século. Mas elas não se concretizaram até muito mais tarde. Em determinados momentos, certas ideias têm a chance de se tornarem realidade e política – a chamada Janela de Overton. E, há 20 anos, decidimos, na nossa instituição Libertad y Progreso, começar a falar sobre libertarianismo na Argentina completamente fora da Janela de Overton. Depois de 20 anos, creio que conseguimos movê-la.

E, claro, quando Milei entrou em cena, há cerca de cinco anos, ele teve um *timing* excelente. Nós éramos os primeiros a adotar essas ideias, mas ele surgiu no momento exato. Todos estão impressionados com o que ele está fazendo, pois ele infundiu emoção no processo, o que é essencial.

Você diria que a vitória de Milei e suas reformas não teriam sido possíveis sem o trabalho da fundação Libertad y Progreso?

Milei conseguiu aproveitar um momento histórico na Argentina, combinando seu carisma e suas propostas disruptivas com uma profunda conexão com o descontentamento da população. Nesse contexto, a Libertad y Progreso desempenhou um papel importante, embora não exclusivo, na disseminação das ideias de liberdade econômica e na crítica às políticas estatistas, contribuindo para uma mudança cultural mais ampla.

A fundação trabalhou por anos produzindo pesquisas, fomentando debates e propondo políticas que ajudaram a estabelecer a base intelectual para as reformas que estão sendo discutidas hoje. No entanto, seria exagero afirmar que sua vitória e suas reformas teriam sido impossíveis sem esse trabalho. Ao contrário, nós contribuimos com nossa parte para um esforço coletivo muito maior.

Esse estilo de ruptura confrontacional é uma forma sustentável de governar pelos próximos 4 anos?

Acredito que estamos na fase inicial do liberalismo econômico na Argentina. É como se fôssemos adolescentes do liberalismo. Depois, teremos uma fase, espero, em que tudo seja mais calmo, mais racional e mais dialógico. Acredito no que poderíamos chamar de razão dialógica – uma troca construtiva na qual ambos os lados devem aceitar os pontos de vista do outro. Mas esse não é o estado em que nos encontramos na Argentina. Ainda estamos gritando uns com os outros.

Você demonstra confiança no sucesso do projeto do Milei. Contudo, acha que ele pode fracassar na tentativa de rejuvenescer a economia e, mais importante, na de melhorar a vida dos argentinos?

Sim, acredito que será difícil, pois levará um tempo. É impressionante o que o governo já realizou, considerando que o primeiro semestre foi muito difícil, mas o apoio ao Milei continua elevado. Isso é promissor, pois, como mencionei, as pessoas não estão bem. Elas têm esperança de um futuro melhor, mas também expectativas muito altas. Atender a essas expectativas é mais complicado quanto mais elevadas elas forem. E acho que há muitos beneficiários do antigo sistema que adorariam ver o Milei fracassar. Temos eleições parlamentares em outubro. Creio que o partido do Milei vencerá, mas, se perderem, seria um desastre.

A oposição política não é um problema para ele?

Eles escolheram Cristina Kirchner novamente como líder. Ela é uma líder corrupta e já foi condenada por corrupção duas vezes. Agora, ela está recorrendo da sentença e tentando levar o caso ao Supremo, o que pode levar alguns anos. Mas o povo sabe que ela é corrupta. No momento, a oposição não representa uma ameaça real. Contudo, em 2026, será fundamental que as reformas avancem rapidamente, pois o desemprego pode voltar a subir, o que seria desastroso.

Quando você acha que a população precisará ver resultados para continuar apoiando o presidente?

Eles já estão vendo resultados. O primeiro sinal que estão percebendo é a queda da inflação. Por exemplo, o índice de preços ao produtor foi de apenas 1,2% no mês passado. Em dezembro do ano passado, esse índice era de 54%. A economia está se movimentando e desacelerando a inflação. No ano passado, a inflação foi de 211%. Este ano, deve fechar em torno de 115%. E, se vencerem a eleição de outubro, a inflação deve cair para cerca de 1% ou menos ao mês. Isso terá um efeito imediato na vida e no sustento de grande parte da população.

Mas quando essa dificuldade, que se tornou tão significativa desde o início das reformas e deixou dezenas de milhares de pessoas na pobreza, vai acabar?

Nós temos, e continuamos tendo, uma rede de proteção social. Pessoas abaixo da linha de pobreza recebem apoio do Estado.

Mas a classe média em declínio é o verdadeiro problema, certo?

Sim. Você verá que a taxa de pobreza já começou a diminuir e provavelmente continuará caindo ainda mais no próximo ano. Porém, mesmo assim, as pessoas continuarão sentindo o aperto. Além disso, as empresas – ou seja, alguns empregadores – acabarão falindo em determinado momento. Quando isso ocorrer, será necessário realizar grandes investimentos em novas empresas, por exemplo, nos setores de mineração e agricultura. Por fim, um dos riscos é o clima. Na Argentina, o clima tem papel fundamental. Caso La Niña aconteça, as colheitas e a pecuária poderão ser impactadas negativamente, e precisaremos de exportações fortes no próximo ano.

Então, se tudo ocorrer conforme o planejado nas eleições, se não tivermos La Niña, se abolirem as taxas de exportação e houver investimentos suficientes na agricultura e na mineração, quando o país realmente dará a volta por cima?

Acho que os economistas serão os primeiros a notar, pois já estamos vendo a recuperação. A economia está crescendo a cerca de 8% ao ano e, no próximo ano, provavelmente, cresceremos em torno de 5%. Mas há duas métricas: uma é o que vemos nos números e a outra é o que as pessoas estão sentindo – e isso será bem diferente em cada setor.

Em alguns setores, as coisas vão correr muito bem; em outros, haverá dificuldades, como no setor têxtil. Continuaremos a reduzir o tamanho do governo. Ex-servidores públicos terão que buscar novos empregos, e eles não estão acostumados a trabalhar no setor privado. E isso é algo extremamente complicado, pois, mesmo que crescamos a 5% ou 6% ao ano – taxas entre as mais altas do mundo –, ainda teremos um quarto da força de trabalho desempregada.

Qual o motivo disso?

Temos um sistema educacional desastroso. Ele destrói as mentes dos estudantes. Primeiro, ao dar-lhes cheques do governo. Você destrói uma pessoa se lhe der assistência estatal por 20 anos. Cerca de 76 mil pessoas recebem transferências alegando serem deficientes, mas a grande maioria não apresenta nenhum problema. O sistema era corrupto e emitia atestados médicos falsos. Ao fazer isso com alguém, você está destruindo aquela pessoa. Na verdade, você a está prejudicando.

76.000 pessoas não parecem um número tão grande em um país com cerca de 47 milhões de habitantes.

Isso não se limita apenas aos beneficiários desses auxílios ilegítimos. Eles estão destruindo suas famílias, e isso já afetou 2 milhões de pessoas. Além disso, existem inúmeros esquemas para distribuir dinheiro às pessoas. Cerca de 8 milhões de argentinos recebiam cheques do governo por uma razão ou outra. Mas o desvio desses recursos não chega a ser tão prejudicial quanto a destruição dessas pessoas. Você realmente destrói essas famílias.

Como assim?

Porque você destrói a autoestima delas. Muitas pessoas, plenamente capazes e em busca de um emprego significativo, acabam recebendo dinheiro sem precisar trabalhar, e isso gera ressentimento. O governo lhes dá dinheiro, mas elas se ressentem disso. Quando você dá dinheiro às pessoas para que não trabalhem, você as destrói.

Essa avaliação é incomum no discurso público alemão. O apoio do governo para que as pessoas vivam com dignidade – mesmo que possam trabalhar – é considerado um padrão mínimo de humanidade.

Você tira o senso de propósito delas. Elas recebem a mensagem: “você não é necessário”. E suas famílias podem olhar para elas e dizer: “ele traz o cheque para casa, mas não porque trabalha, nem porque é inteligente, diligente ou trabalhador. Apenas porque ele existe. Alguém mais poderia receber o cheque”.

Existem dois países, os Estados Unidos e a Argentina, onde a oposição fundamental à burocracia faz (está para ser) parte da agenda do governo. Milei e Donald Trump se dão muito bem. Mas algo que não se encaixa são as tarifas que Trump prometeu implementar. Como isso funciona em um mercado livre?

Não funciona; eu realmente acho que é terrível. As tarifas são terríveis, mesmo para o propósito a que se destinam. Quando você aumenta as tarifas, o risco de guerra aumenta e não diminui. Eles acreditam que não se trata de um problema econômico, mas geopolítico. Os EUA temem a China porque acreditam que precisam continuar sendo a única superpotência do mundo. Isso não vai acontecer. Há um risco enorme nisso, um risco mundial, e eu acho que estão completamente equivocados sobre o assunto. Além disso, estão aumentando as tarifas sobre o México e o Canadá, o que é um erro terrível. Você não faz isso com seus aliados. Os EUA e o Canadá, juntos, têm apenas 400 milhões de habitantes. Um acordo de livre comércio envolvendo todas as Américas abrangeria 1 bilhão de pessoas, proporcionando uma influência significativa em relação à China.

Pareceria que a União Europeia aprendeu a lição do livre comércio com o mercado único em nosso próprio continente. Mas, mesmo assim, a guerra entre a Rússia e a Ucrânia aconteceu. Será que o livre comércio é realmente o caminho para evitar conflitos militares?

A Europa suportou séculos de guerras antes de adotar o livre comércio, o qual, como Montesquieu observou, “amacia os costumes”. Frédéric Bastiat ecoou esse sentimento, sugerindo que, se as mercadorias não cruzam as fronteiras, os soldados o farão. Visionários como Jean Monnet, Konrad Adenauer e Charles de Gaulle expandiram o comércio europeu, alcançando uma paz sem precedentes na última metade do século passado. Se a Rússia tivesse sido integrada a esse mercado comum com comércio irrestrito, o conflito entre a Ucrânia e a Rússia talvez pudesse ter sido evitado.

Qual o efeito que o caminho da Argentina tem sobre seus vizinhos na América do Sul?

Espero que haja um efeito cascata, mas ainda não o vimos. Quando o Chile fez um trabalho impressionante durante 30 anos, nós sempre defendíamos seguir o exemplo deles, mas nossos políticos não se importavam. Eles se importavam apenas com os votos. Mas, no nível individual, as reformas se mostram inspiradoras. Fui aos Estados Unidos para participar de uma conferência com 500 *think tanks* de todo o mundo. Quando se menciona a Argentina, as pessoas agora pensam em Maradona, Messi e Milei.

A percepção na Alemanha é muito diferente. O líder dos Conservadores, Friedrich Merz, que provavelmente será o próximo chanceler, chamou as reformas de Milei de “ruinosas” e houve críticas generalizadas na mídia ao estilo disruptivo dele. Muitos parecem esperar que Milei fracasse.

Isso porque acreditam que, se ele fracassar, isso provará que os modelos econômicos de livre mercado não são sustentáveis nem superiores à intervenção estatal em larga escala. Um grande temor da esquerda coletiva é o sucesso de Trump e de Milei. E eles afirmam isso abertamente. Se as reformas de Milei funcionarem, vamos mudar a Constituição.

Por que mudá-la e como?

Nossa Constituição está horrível no momento. As constituições do século XIX, tanto nos Estados Unidos quanto na Argentina, eram constituições livres para pessoas livres. Já não é mais assim. Temos, na verdade, um novo constitucionalismo, até mesmo na Alemanha e na Europa, onde o governo detém muito mais poder sobre as pessoas do que antes.

Você está falando de emendas constitucionais?

Exatamente. E elas mudaram a Constituição argentina. Por exemplo, temos um artigo 14 que garante todas as liberdades. Mas adicionaram um artigo 14B, que diz exatamente o oposto. O artigo 14 estabelece que você é livre para trabalhar, ensinar, aprender e se envolver em atividades empresariais, todas as liberdades que prezamos. Mas, no artigo 14B, foram incluídos os chamados direitos sociais. Por exemplo, o direito a ter um sistema de pensão obrigatório foi consagrado ali. Mas o meu “direito” resulta no governo tomando 30% da sua renda todo mês.

Para você, toda tributação é roubo?

Bem, eu acho que, em determinado ponto, na Argentina, isso é roubo. Porque estão levando quase todo o seu dinheiro. E não é só por meio dos impostos, mas também através do sistema de pensões. É o pior roubo de todos. Fiz um cálculo considerando um salário mínimo na Argentina. Retiram 11% do seu salário todos os meses, mais 16% pagos pelo seu empregador, e ainda cobram outros 2% para os sindicatos. Assim, estão levando 29% dos seus ganhos. Eles afirmam: “isso é para você”. Imagine se você economizasse esses 30%. Fiz um cálculo utilizando uma taxa de juros de apenas 5%, aproximadamente a taxa real dos últimos 600 anos na Europa. E, se você economizar por 14 anos, poderia comprar cinco casas na Argentina. Se o seu cônjuge também trabalhar, seriam outras cinco casas. Ou seja, estão retirando 10 casas do patrimônio da sua família. Você poderia simplesmente investir os 30% que paga por mês em ETFs e obter um retorno muito maior do que se o governo recolhesse esse dinheiro e apenas o distribuísse.

Você compartilha a visão do presidente e apoia suas políticas. Mas ninguém é perfeito. O que ele errou no primeiro ano de governo?

Sou bastante vocal em minhas críticas a certas decisões. Ele indicou dois juízes para a Suprema Corte. Um deles é muito bom, Manuel García Mansilla. O outro, Ariel Lijo, acreditamos ser uma escolha muito ruim. Isso é crucial, pois a Suprema Corte tem apenas

cinco membros. O Senado não aprovou seus indicados. Isso faz parte de uma negociação, claro, porque o Senado é peronista. Mas, honestamente, considero essa situação péssima para a Suprema Corte.

Também há questões relacionadas à sua personalidade, que provavelmente é necessária para implementar essas mudanças na Argentina. Mas isso tem um efeito colateral: torna muito difícil a construção de equipes dentro do governo. É um *show* de uma só pessoa. Não é um governo de uma só pessoa, mas é muito difícil construir equipes. E, por fim, Milei falhou em enfrentar os sindicatos de forma mais incisiva. Todos nós ainda pagamos contribuições aos sindicatos, inclusive em empregos onde eles nem sequer existem, como ONGs ou times de futebol.

Na próxima campanha eleitoral alemã, as questões econômicas estarão no centro das preocupações dos eleitores. A Alemanha praticamente não cresceu este ano. Nosso modelo econômico, de produzir bens manufaturados com energia barata da Rússia e exportá-los para a China, tornou-se obsoleto. Há alguma lição para a Alemanha na disrupção libertária da Argentina?

Se eu fosse um político na Alemanha, reabriria as usinas nucleares. Porque, na minha opinião, isso transmite uma mensagem a todos: não somos mais “woke”. E essa mensagem é importante. Além disso, se você não desregular a economia, não conseguirá competir. Uma coisa que se aplica à Argentina, à Alemanha e a todos os países que enfrentam dificuldades econômicas é que é preciso que as coisas fiquem mais difíceis antes que possam melhorar. Não haverá recompensa se você não pagar o preço, e há tão poucas pessoas dispostas a fazê-lo. É necessário ser brutalmente transparente sobre os riscos e os custos das diferentes políticas e, provavelmente, é preciso ter uma voz como a de Milei: alguém disposto a lutar.

***Esta entrevista foi publicada originalmente no *Berliner Zeitung*.**

Copyright © 2025 [Instituto Liberal](#). Todos os direitos reservados.

Tema: ColorMag por [ThemeGrill](#). Powered by [WordPress](#).